

Associação luta para manter oficinas de saúde mental

Prefeitura informa que montou equipes via concurso público

A Associação Cornélio Vlieg, gestora dos projetos de geração de renda e de inclusão social de pacientes com transtornos mentais atendidos pela Prefeitura de Campinas (SP), mantém a mobilização para evitar o encerramento de programas fundamentais à saúde pública local.

A organização segue na busca do diálogo direto com o Executivo Municipal para garantir a continuidade das ações realizadas em parceria com o Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira.

A municipalização do serviço de saúde, firmada entre o Cândido e a Prefeitura no ano passado, impactará as 300 vagas disponíveis para os pacientes, com o fechamento de oficinas e a transferência de usuários para centros de convivência da Administração Municipal, ainda não estruturados. Além do fechamento de vagas, o plano estipula a transferência de 200 pacientes para Centros de Convivência sob gestão direta da Prefeitura.

Mas, alguns ainda não têm sede própria, e outros espaços não estão funcionando na totalidade. Elizabete Santana, presidente da Cornélio Vlieg, ressalta a importância da manutenção das estruturas.

Importância

"As oficinas são fundamentais para garantir renda, inclusão social, melhora nas condições clínicas e no tratamento do paciente, além da socialização com a família e a sociedade. Também eleva a autoestima. A Associação Cornélio Vlieg tem 32 anos de prestação de serviços de acolhimento de pacientes com transtornos mentais. Somos uma referência no Brasil", afirma a dirigente.

A preocupação central reside na escassez de oportunidades no mercado de trabalho formal para esse público e na consequente insuficiência de renda necessária para a sobrevivência básica dos assistidos. Exemplo prático é o de Dona Ana da Silva Teixeira Filho, de 73 anos. Diagnosticada com esquizofrenia e produtora de vitrais há mais de duas décadas, utiliza os R\$ 900,00 recebidos mensalmente para custear contas de água, luz e telefone.

"A falta de uma ocupação, e o fato de eu ficar com a mente vazia só fazendo os serviços de casa, me causavam as crises. Hoje, não sei mais o que é internação, durmo bem e fui dispensada das consultas psiquiátricas", relata.

Antes das oficinas, Dona Ana enfrentava internações recorren-



Dona Ana da Silva Teixeira Filho, de 73 anos, é assistida pelo projeto há mais de 20 anos

Associação Cornélio Vlieg



Anderson Rodrigues se recuperou pela entidade

tes e crises severas de insônia; atualmente, frequenta o clínico geral apenas para a renovação de receitas. A eficácia do modelo é corroborada por relatos de superação, como o do gráfico Anderson Rodrigues, de 52 anos. Após presenciar o assassinato da mãe e do irmão em 2001, viveu em situação de rua e vulnerabilidade devido ao alcoolismo.

"Às vezes, era para comer e outras para beber. O álcool me fazia esquecer daquela cena que eu vi e não pude fazer nada", lembra.

Através do aprendizado da fabricação de ladrilhos e da bolsa auxílio, ele conseguiu alugar um quarto e retomar a autonomia. "Foi muito importante esse tempo das oficinas para mim", afirma Rodrigues, que segue em acompanhamento no Caps

(Centro de Atenção Psicossocial)

Projeto

Abriga 13 oficinas distribuídas entre o Armazém das Oficinas e a Casa das Oficinas, atendendo pessoas de 20 a mais de 70 anos. Os usuários, encaminhados por centros de saúde e Caps, aprendem ofícios como produção de vitrais, papéis reciclados e agricultura, permanecendo no local de três a cinco dias por semana. As bolsas variam de R\$ 200,00 a R\$ 1.700,00.

Mas, além do impacto direto nos pacientes, há o temor pela demissão de funcionários especializados no cuidado de sofrimentos psíquicos e dependência química.

Futuro

Questionada, a Prefeitura de

Iniciativa privada tem posição de vanguarda

Enquanto a administração municipal de Campinas caminha em direção oposta ao desenvolvimento social, ao planejar o fechamento de vagas no setor de assistência psicossocial, a iniciativa privada demonstra um posicionamento de vanguarda ao fortalecer e incentivar o projeto.

O contraste entre a postura pública de retração e o apoio corporativo evidencia visões distintas sobre a gestão de pessoas em situação de vulnerabilidade, pois enquanto a Prefeitura propõe o desmonte de estruturas consolidadas, empresas parceiras investem na manutenção e expansão de atividades que garantem a dignidade humana.

A Associação Cornélio Vlieg conta com uma rede de apoio estruturada por corporações que enxergam valor na reabilitação por meio do trabalho, estabelecendo um modelo de sucesso que desafia a lógica de cortes imposta pelo governo local.

Arcor

O fomento vem de empresas como a Arcor, parceira há 15 anos. Milena Porrelli Drigo Azal, gerente nacional do Instituto Arcor Brasil, destaca a profundidade da aliança.

"O Armazém das Oficinas desempenha um papel fundamental. Por várias vezes, levamos os oficineiros às reuniões da diretoria e de gerentes nacionais para apresentarem e desenvolverem produtos com eles. A aquisição é apenas uma parte dessa aliança e isso é pouco comparado ao impacto que essa iniciativa gera", expllica a executiva.

Milena enfatiza o valor da integração entre funcionários da empresa e os produtores das oficinas.

Pontua que "conviver com essas pessoas, escutá-las apresentando seus trabalhos, suas histórias de vida, aprender com elas, isso não se mede, se vivencia. Essas pessoas são empoderadas, sentem-se valorizadas, inseridas na sociedade, recebem uma renda e são verdadeiramente autores de sua própria história".

Erro

A gerente alerta que o encerramento do projeto seria uma perda irreparável: "É um trabalho de referência internacional que transforma vidas. Será uma grande perda para todos nós se o projeto deixar de existir".